









## ÍNDICE

**05**

APRESENTAÇÃO DO CCBB

**06**

SONHOS DE LIBERDADE

**07 - 08**

SOMOS TODOS ESTRANGEIROS

**09 - 16**

OS IMIGRANTES NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

**17**

PROGRAMAÇÃO

**18**

FICHA TÉCNICA





O Banco do Brasil apresenta *Clandestina Liberdade*, mostra que convida o público a refletir sobre o tema da imigração no mundo de hoje, a partir de uma seleção diversa que vai do *road movie* ao documentário, em produções contemporâneas.

Ao reunir obras que abordam a convivência e as diferenças culturais, o projeto confirma o poder questionador do cinema e apresenta a mistura de culturas como peça fundamental no processo de formação da identidade dos povos.

Em cada filme, o espectador é convidado a conhecer pessoas de sonhos autênticos enquanto acompanha a jornada dos imigrantes na visão de cineastas de diversas origens e que, em comum, têm apenas um objetivo: derrubar os preconceitos acerca de um problema tão contemporâneo e que ao mesmo tempo acompanha a humanidade desde seus primórdios.

### **Centro Cultural Banco do Brasil**





## SONHOS DE LIBERDADE

Nos países da Europa Ocidental, a expulsão de um imigrante ilegal custa quase três mil euros ao Estado. Só o governo espanhol gasta cerca de 15 milhões de euros por ano para deportar estrangeiros. A mídia repete estes e outros números como se assim traduzissem a realidade. No mundo desenvolvido, as estatísticas valorizam o lado econômico, incitam preconceitos e encobrem as tragédias por trás da problemática da imigração: epidemias, conflitos, o abandono da África depois de séculos de exploração colonial, tráfico de pessoas, escravidão, intolerância racial.

Imigração não se resume com números, portanto. Se a cobertura da mídia tende a ser unidimensional, o cinema oferece outros pontos de vista. Uma parte significativa da produção atual promove uma reflexão aprofundada sobre os temas que envolvem a imigração, quase sempre com espírito reconciliador. Para isso, cineastas de diferentes cantos do planeta se servem do enfoque humanista. Em vez de repetir estatísticas, eles dão voz a pessoas. A mostra *Clandestina Liberdade* amplia a discussão por meio de 14 longas-metragens.

Os títulos escalados partem da disposição de estimular a convivência entre os povos e de questionar supostas diferenças. A busca pela harmonia social permeia *Assédio*, de Bernardo Bertolucci. E se Theo Angelopoulos adota tom poético em *Paisagem na Neblina*, Michael Haneke destaca em *Código Desconhecido* os pontos que inviabilizam o ideal de unificação europeia. Assim, o público terá acesso a alguns dos cineastas mais instigantes do cenário contemporâneo.

Além de revelarem problemas concretos, de embates culturais até a xenofobia, os filmes trazem à tona outro aspecto característico da discussão sobre a imigração: o movimento migratório, que atende a todos os preceitos da aventura clássica. Logo, alguns filmes de estrada se destacam na programação. Assim é *Neste Mundo*, no qual Michael Winterbottom segue dois afegãos rumo a Londres. Já em *Exílios*, Tony Gatlif acompanha casal que faz a rota inversa de seus antepassados. Em busca de algo que os defina como gente, Zano e Naïma deixam a França para conhecerem a Argélia.

Com tudo isso, espera-se conscientizar platéias em torno de questões proeminentes. Trata-se de uma iniciativa oportuna, agora que o racismo volta a ser debatido com o aumento de casos diversos – como os distúrbios na periferia de Paris e das principais cidades francesas, em novembro de 2005. O problema cresce nesta era globalizada, em que as fronteiras são derrubadas e os povos são estimulados a conviverem, mas não necessariamente a superarem o receio, o preconceito e o ódio.

**Gustavo Galvão**

Cineasta



## SOMOS TODOS ESTRANGEIROS

Assim que as primeiras levas de espanhóis e portugueses desembarcaram nas Américas, as perguntas colocaram em xeque a concepção de mundo vigente na Europa de fins do século 15, começo do 16. Quem eram os habitantes daquelas terras recém-descobertas? Como aquelas pessoas chegaram ali? Saíram de onde?

Somente no início do século 20 estudiosos puderam identificar a origem dos povos do continente americano. Tratava-se da mescla de nômades asiáticos de todos os tipos com outros oriundos do Pacífico Sul. Àquela altura, esta mistura de raças já ganhara outra dimensão com a presença do colonizador ibérico e do escravo africano. Iniciado 12 mil anos antes, o processo de miscigenação nunca parou. Da Argentina ao Canadá, os portos receberam milhares de imigrantes italianos, bem como irlandeses ( há 39 milhões de descendentes nos Estados Unidos ), alemães, japoneses, sírios, libaneses...

É assim o tempo todo, no mundo todo. O ato de imigrar acompanha a humanidade desde os primórdios, quando esta se dividia em duas correntes: nomadismo e sedentarismo. A mistura de culturas constrói a identidade de um povo. O cinema é o meio de consolidação desta premissa, a qual precisa ser reafirmada insistentemente - já que rebate uma série de interesses de ordem econômica, política, histórica ou religiosa. Tais interesses tendem a caracterizar a imigração como problema do Primeiro Mundo. Na verdade, os problemas são sintomas de uma realidade muito mais complexa.

Como desfazer a crença de que imigrante é sinônimo de pobreza, por exemplo? Segundo uma pesquisa promovida pelo banco espanhol Caixa da Catalunha, que fez o cruzamento de dados dos 15 países mais ricos da Europa ( no período 1995-2005 ), apenas três teriam crescido sem a força de trabalho dos imigrantes. Ainda assim, num ritmo modesto. O país que mais deve à mão-de-obra estrangeira é a Espanha, onde o número de estrangeiros sobe 20% ao ano. Isso incita grande parte da mídia e mesmo da sociedade a reagir ora com desconfiança, ora com preconceito aberto.

### Discriminação oficial

Também são curiosos os números recolhidos na França. O país se mostra relativamente receptivo aos trabalhadores europeus, a ponto de os portugueses representarem a maior força produtiva entre os imigrantes, mas o mesmo não se aplica àqueles que vieram das ex-colônias na África. Estes são relegados aos subúrbios pobres. Nessas comunidades, o índice de desemprego chega a ser três vezes maior do que a média nacional ( de 10% ).

O preconceito colocou a França à beira da guerra civil em novembro de 2005, quando os filhos dos ex-colonos tomaram as ruas para desafiar a polícia e queimar carros. "Pagamos por 30 anos de segregação social, territorial e étnica", o deputado socialista Manuel Valls afirmou à época ao diário espanhol *El País*. Das 60 milhões de pessoas que vivem na França, 12% nasceram na África ou são descendentes diretos de africanos.

Recorrente no cinema contemporâneo, sobretudo em parcela significativa da produção da Europa Ocidental, a questão da imigração nos obriga a repensar esta dinâmica que incita tantos embates. Este pode ser um dos papéis da arte, se é que ela precisa de um papel: estimular a transformação do homem e de suas relações. Um dos maiores desafios da sociedade globalizada é a superação das diferenças aliada à compreensão das peculiaridades de cada um e de cada povo. Talvez este seja o grande desafio da humanidade. "A discriminação faz parte da agenda de nossa era, marcada por ódios históricos, nomeados a partir da etnia, da origem ou da condição", escreveu Lília Moritz Schwarcz, professora de Antropologia da USP, em artigo na *Folha de S. Paulo*.



Por tudo isso, pode-se dizer que a imigração não passa de pretexto para que anônimos e pessoas públicas assumam suas posições excludentes e discriminatórias. Com o discurso tomado de animosidades, o ultradireitista Jean-Marie Le Pen chegou ao segundo turno na disputa pelo governo da França, em 2002. Na campanha de 2007, prometeu uma série de medidas voltadas apenas aos franceses e que acabariam com as garantias conquistadas pelos imigrantes e seus descendentes - que em sua maioria são franceses, aliás.

Hoje, a Europa sofre as conseqüências de séculos de exploração colonial. É uma espécie de dívida. Países como França, Inglaterra e Holanda reconhecem este fardo. Em especial a Inglaterra, cuja política de imigração sempre foi sensível à diversidade cultural. Segundo dossiê publicado em junho de 2006 pelo jornal francês *Le Monde*, entretanto, este mesmo país "aboliu o direito de solo do sistema de cidadania, e não mais o concede aos egressos de colônias e protetorados". Em vez de integrar, o Estado exclui minorias étnicas. É o que a socióloga francesa Daniele Joly aponta como "discriminação racial institucionalizada".

### Rastros de ódio

Já nos EUA, país tão acostumado a receber estrangeiros e que deve efetivamente a eles a sua identidade, a integração da comunidade hispânica à sociedade é algo concreto. De acordo com o censo 2006 do Pew Center, 14% da população daquele país pertencem a esta comunidade. São 41,3 milhões de pessoas. Uma nação dentro de outra, com um poder de compra combinado de 800 milhões de dólares por ano. Estima-se que este chegue a um bilhão de dólares em 2010.

Somada a população hispânica com a negra, os brancos não-hispânicos são minoria em cinco dos 50 estados norte-americanos ( entre eles o tradicionalista Texas ); outros cinco estados estarão em breve na mesma condição. A situação estimulou o ressurgimento da Ku Klux Klan, grupo que prega a supremacia da raça branca e viveu seu apogeu nos anos 1920 e 1930. Células da KKK têm sido retomadas em vários estados, mesmo aqueles em que sua influência é historicamente nula ( como Michigan e Nova Jersey ). Exatamente em Nova Jersey, nos últimos dois anos, aconteceram diversas passeatas contra a população hispânica - nas quais eram recorrentes faixas e bandeiras com símbolos nazistas.

Estes casos não são isolados, e sim os mais badalados. Há aqueles que sequer chegam até a mídia, muito menos à opinião pública. Segundo a ONU, há mais de 15 milhões de refugiados no mundo, pessoas sem pátria nem asilo. Estão na fronteira do Paquistão com o Afeganistão; ou então são curdos, cujos interesses não foram defendidos por nenhuma potência econômica ou militar; ou vítimas de guerras sangrentas no continente africano. Há ainda as vítimas do tráfico de pessoas para exploração sexual, que movimentam mais de 240 rotas. E aqueles que morrem na travessia entre o presente miserável e o futuro promissor, cujo corpo não é reclamado jamais.

Para cada caso, existe uma história de abandono, exclusão, exploração. Se não há nada mais hediondo do que o ódio racial, o mesmo deve ser dito em relação à omissão do poder, da mídia e da opinião pública. Estes não escutam a voz de milhões de pessoas. Assim, o cinema acaba por desempenhar um papel que transcende sua vocação artística: a discussão de uma questão proeminente, sem filtros nem interesses secundários.



## OS IMIGRANTES NO CINEMA CONTEMPORÂNEO



Nada acontecia por acaso. Ao mesmo tempo em que acolhia os cineastas e técnicos que abandonavam uma Europa cada vez mais atribulada, Hollywood vivia uma espécie de era dourada. Com o reforço de gênios do porte de Ernst Lubitsch, Fritz Lang e Billy Wilder, o cinema norte-americano pôde conciliar o apuro artístico com os interesses comerciais de sempre. Foi entre as décadas de 1920 e 1940, quando o Velho Continente testemunhava a ascensão do Nazismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Parte da glória alcançada pela indústria se deveu ao talento de estrangeiros. Guardadas as proporções, um fenômeno semelhante tem acontecido na Europa Ocidental. Sobretudo na França, cuja atividade pulsa com a contribuição de imigrantes, franceses naturalizados ou oriundos de ex-colônias – como Tony Gatlif, de origem argelina. Ele faz de seus filmes uma plataforma para os excluídos do establishment cultural. Foi assim com os ciganos em *Corre Gitano* (1981) e *Gadjo Dilo* (1997). E com os árabes do norte da África em *EXÍLIOS* (2004), que lhe rendeu o prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes.

Zano e Naïma são os protagonistas. Embora sejam franceses, sentem que há algo que os impede de viver tal identidade na plenitude. Então, Zano faz a proposta a Naïma: arrumar as malas e conhecer a Argélia. Assim começa a viagem do casal, que atravessa a França e a Espanha rumo à África. Em busca de alguma coisa que os defina como gente, fazem a rota inversa de seus antepassados.

A viagem dos protagonistas de *Exilios* é a viagem de seu diretor. Descendente de ciganos romenos e nascido em Argel, em 1948, Gatlif deixou seu país quando este era colônia. A guerra pela independência, nos anos 1960, levou muitos de sua geração a fazerem isso. Já em Paris, ia ao cinema para ter onde dormir, até que percebeu que poderia mudar pela arte. Com a carreira focada naqueles que estão na periferia da prosperidade européia, ele reencontrou as raízes argelinas somente em seu 14º longa-metragem.

Não é apenas a chegada à Argélia que se torna reveladora para os protagonistas, e sim o trajeto como um todo. A cada mudança de ambiente, tornam-se claras as peculiaridades de cada região. E o aspecto mais notável na filmografia de Gatlif consiste exatamente no impacto causado pelas diferenças culturais nos tipos que acompanha. A identidade é um bem inexpugnável, mas tais diferenças nunca impedem a existência do diálogo, da troca. Duas pessoas podem ser amigas mesmo sem falarem o mesmo idioma, conforme ocorre entre Stéphane e o velho Isidor em *Gadjo Dilo*. Ou entre uma menina de rua e Zingarina, a personagem central de *Transylvania* (2006).





A Pequena Jerusalém ( Karin Albou, França, 2005 )

Ao promover a comunhão entre identidades e povos, o cinema de Gatlif é um apelo pela conscientização tanto do que o indivíduo tem de único como do que ele pode assimilar da experiência coletiva - uma das lições possíveis com a imigração. Não é de se estranhar, portanto, a insistência do cineasta em abordar o tema da vida que recomeça. É o que acontece na seqüência que resume a intensidade e a beleza de *Exílios*, na qual Naïma entra em transe. A câmera dança com ela ao som de um ritmo ancestral. São cerca de dez minutos num plano-sequência de efeito revitalizante.

"Minha religião é a música", Zano diz em certo momento. Mais do que uma frase de efeito, é a afirmação de um diretor que faz da trilha sonora uma reverência ora à herança cigana, ora à árabe. Ao serem misturadas com batidas eletrônicas, as duas se abrem para a bem-sucedida comunhão de estilos. Da dinâmica que flerta com o caos, desponta a harmonia.

### Religiões, tradições e mitos

O choque entre o tradicional e o contemporâneo é uma constante nos filmes dirigidos por imigrantes radicados na Europa ou descendentes. Deste embate aparentemente banal e corriqueiro, destaca-se a busca por um determinador comum - seja a integração dos que se sentem excluídos, seja a compreensão de toda uma coletividade. É o que se nota em duas produções francesas recentes, *A PEQUENA JERUSALÉM* ( Karin Albou, 2005 ) e *A GRANDE VIAGEM* ( Ismaël Ferroukhi, 2004 ).

No primeiro, escrito e dirigido pela filha de um argelino, a integração é discutida dentro de um microcosmo bastante significativo. Embora se concentre em Laura, a jovem estudante de filosofia interpretada por Fanny Valette, a trama amalha os detalhes da vida de vários integrantes de uma família de judeus ortodoxos vinda da Tunísia e instalada num subúrbio de Paris. A família enfrenta uma sucessão de dilemas oriundos de desejos reprimidos, de problemas matrimoniais diversos e das opções de Laura, que descarta tradições judaicas de modo racional e se apaixona por um muçulmano.

Como o indivíduo pode se sentir plenamente aceito se sequer consegue aceitar o outro? Esta pergunta é particularmente válida no caso de *A Grande Viagem*. Francês de origem marroquina, Ismaël Ferroukhi opta pelo *road movie* para contar a história de um pai e seu filho rebelde. Uma história clássica, embalada por um gênero eficaz na desconstrução de identidades - por retirar as personagens da rotina e lançá-las num universo em que tudo é novo. O que torna este filme exemplar, porém, é o objetivo de registrar a relação familiar com a perspectiva moral do Islã, discutindo-a frente ao contexto ocidental e desfazendo eventuais preconceitos.

O filho rebelde se chama Reda. Apesar da origem árabe, ele tenta se inserir na sociedade francesa. Tem celular, namorada branca e se prepara para entrar na universidade. O pai não se importa com os sonhos imediatos de Reda e o obriga a levá-lo numa peregrinação até Meca, na Arábia Saudita. O pai quer ir de carro, ele precisa de tempo. É o modo para que ele compreenda o filho, e vice-versa.





A Grande Viagem ( Ismaël Ferroukhi, França/Marrocós, 2004 )

Em muitos momentos, o esforço do pai em revelar a essência do Islã ao filho se confunde com a determinação de Ferroukhi em fazer algo similar para o espectador. Assim como *Exílios*, a trama parte da busca por uma ancestralidade para especular as conseqüências desta na mentalidade de um protagonista. Quando Reda compreende o pai, o espectador sente o mesmo que ele: o peso de uma herança e tudo o que há de verdadeiro nela. Em *A Grande Viagem*, em vez de uma religião e do preconceito que ela poderia causar, o que prevalece ao final é a necessidade de respeito mútuo.

Laura, a protagonista de *A Pequena Jerusalém*, compartilha deste desejo de libertar seu ambiente de atritos. No entanto, ela sabe que seu envolvimento com um muçulmano está fadado ao fracasso. Há por trás disso um aspecto que transcende suas convicções e que é decisivo para o fracasso ( do ponto de vista humano ) do projeto de unificação européia: a incompatibilidade ditada por regras invisíveis que discriminam etnia e credo.

Por causa desta realidade, o ideal da Europa sem fronteiras esbarra na Turquia. Se o ex-presidente francês Jacques Chirac apoiava a entrada daquele país na União Européia, o mesmo não pode ser dito do atual, Nicolas Sarkozy. Ele personifica o medo de uma elite secular em aceitar uma nação com 70 milhões de muçulmanos. Sarkozy declarou ao jornal *Le Figaro* que a Turquia não cabe na Europa por ser "muçulmana demais".

A premiê alemã Angela Merkel compartilha da opinião do colega francês e tem uma razão concreta para isso: estima-se que há 2,6 milhões de turcos na Alemanha. É o maior grupo étnico naquele país, do qual faz parte o ator, diretor e roteirista Fatih Akin. Ele nasceu em 1973, em Hamburgo. Filho de turcos, pertence a uma geração espremida entre o que os pais deixaram para trás e o presente duro e sem perspectivas. Isso justifica o sentimento de inadequação e o desejo de negação da ancestralidade que predominam em *CONTRA A PAREDE* ( 2004 ), premiado com o Urso de Ouro no Festival de Berlim.

Com interpretações marcadas por uma veracidade cortante, o filme conta a história de um amor improvável entre dois suicidas frustrados, no norte da Alemanha. Cahit tem cerca de 40 anos e quer se livrar dos resquícios da herança turca, enquanto a inquieta Sibel decide agradar os pais e parte em busca de um marido com a mesma origem. Eles se conhecem no hospital, o que é bastante simbólico. Os dois compartilham do mesmo mal, sentem-se à parte tanto da sociedade alemã quanto da tradição que pesa em seus ombros.

Por compartilharem algo tão íntimo e doloroso, é natural que ambos superem tudo que os separa. Desta relação entre o beberrão autodestrutivo e a jovem cuja vontade de viver vai de encontro com o rigor da família, brota algo de verdadeiro. Pode ser o amor, talvez seja a compreensão. O certo é que a vontade de ser entendido transborda em cada gesto ou olhar de Cahit e Sibel, encarnados respectivamente por Birol Ünel e Sibel Kekilli.





Fatih Akin apresenta aqui dois fatores reveladores: de um lado, são mais de três décadas de indiferença do povo alemão frente a uma minoria tão representativa; do outro, para que a indiferença possa ser convertida em respeito, é preciso que uma verdadeira multidão de turcos expatriados se dispa do preconceito contra a pátria-mãe. Daí a razão pela qual a trama conduz o casal a Istambul, onde eles reencontram um pouco de si mesmos.

### **Estilhaços de uma Europa**

Na Europa de hoje, a questão migratória põe à prova a idéia de integração multinacional e multirracal. A não-inclusão da Turquia nos quadros da União Européia é apenas mais um indício de que a integração não passa de um jargão político. Reina a hipocrisia. Um crítico ferrenho deste panorama é o austríaco de origem alemã Michael Haneke, responsável por *CÓDIGO DESCONHECIDO* ( 2000 ).

Há um mal-estar na contemporaneidade européia e Haneke sempre traz isso à tona com seus filmes. Este é de ordem social e étnica em *Caché* ( 2005 ). Já *Funny Games*, de 1997, atinge diretamente a apatia de uma sociedade que preza um modelo de civilidade frágil. *Código Desconhecido* é a síntese de ambos. Conduzida com a frieza de uma experiência científica, a trama é um apanhado de histórias que se relacionam de modo a revelar as rachaduras de um projeto continental.

Paris é o universo escolhido por Haneke para desatar um processo de desintegração de valores humanísticos básicos. Tudo começa com Jean, o rapaz do interior que abandona a fazenda do pai e se instala na casa do irmão mais velho, um repórter. Este se encontra longe dali, cobrindo a guerra na Bósnia. Jean desencadeia o conflito dramático ao jogar restos de comida em mendiga que fugiu exatamente da Península dos Balcãs. O franco-africano Amadou testemunha a situação e obriga Jean a se desculpar. A polícia surge e resolve tudo de acordo com critérios previsíveis, embora condenáveis: Amadou é preso e a mendiga, deportada.

Com sua sofisticada estrutura narrativa, *Código Desconhecido* traça o painel da intricada conjuntura política no Velho Mundo. Novamente, são inevitáveis as discussões em torno da integração racial, às quais se somam questionamentos profundos sobre a capacidade do europeu de viver em igualdade. Da forma que é inserida no filme, a problemática dos Balcãs confirma o impasse: a cobertura da guerra pela mídia supõe o interesse de uma classe esclarecida pelo conflito, mas tudo que envolve a deportação da mendiga leva a crer que a civilização européia quer garantir uma distância "saudável" do que considera alheio a sua realidade.

Na mesma medida em que precisa reconhecer o vínculo entre a imigração e o passado de exploração colonial, a Europa Ocidental deve assumir relações com os sobreviventes dos conflitos no leste europeu. Não há como defender um projeto de unificação do continente enquanto a prática se caracteriza pela exclusão. É preciso superar diferenças, bem como entendê-las como algo intrínseco ao homem. A partir desta premissa de difícil equilíbrio, o bósnio Jasmin Dizdar realizou na Inglaterra *BEAUTIFUL PEOPLE* ( 1999 ), comédia que arrebatou o prêmio da mostra Um Certo Olhar, em Cannes.

Os personagens principais de *Beautiful People* também são dos Balcãs. Um é croata e o outro, sérvio. Fugiram do mesmo vilarejo e da guerra, conseqüência do esfacelamento da antiga Iugoslávia. Os dois se encontram por acaso em Londres. As rivalidades vêm à tona numa briga insana e sem fim, metáfora da guerra. A briga muda a vida de quatro famílias inglesas. Naquele mesmo dia, em outubro de 1993, o que mobilizava a imprensa e quase toda a Inglaterra era a partida contra a Holanda pelas eliminatórias da Copa do Mundo.

Com o afiado senso de humor de Dizdar e instantes dignos de pastelão, *Beautiful People* manipula dois elementos que são recorrentes em *Código Desconhecido*. Apesar de terem propostas distintas, ambos os títulos lidam com o embate entre a passividade do europeu médio e a presença perturbadora de refugiados de uma Europa que poucos crêem existir. Ao final, quando os inimigos se vêem lado a lado num quarto de hospital, fica a sensação de que até as diferenças mais acirradas são patéticas perto da paz.





Beautiful People ( Jasmin Dizdar, Grã-Bretanha, 1999 )

Hábil criador de metáforas da condição humana e de seus desafios existenciais, o grego Theo Angelopoulos discutiu a idealização da Europa por meio da história de dois irmãos. Voula tem 11 anos e Alexandre, cinco. Os protagonistas de *PAISAGEM NA NEBLINA* ( 1988 ) não conhecem o pai nem sabem como ele é fisicamente, mas sabem que ele vive na Alemanha - um lugar distante, próspero. O desejo de conhecê-lo é tão grande que as crianças fogem de Atenas e pegam a estrada.

De certo modo, a trajetória dos irmãos simboliza a quinta-essência da questão migratória. Ambos são movidos por um desejo intenso de renovação, o qual projetam numa terra que seduz pelo que tem de desconhecido e promissor. A busca pelo pai indica que se trata de uma necessidade primitiva, que a rotina não saciará jamais. Coincidência ou não, a obra de Angelopoulos foi lançada no momento em que a Grécia mal se firmara como membro da Comunidade Européia, à qual aderiu em 1981.

Tão significativa quanto esta jornada por uma terra triste é o fato de que ela não termina. Não se sabe por onde Voula e Alexandre passam nem se cruzam a fronteira. É uma viagem de iniciação: assim como a Grécia moderna, os protagonistas do filme caminham no limiar entre a infância e a adolescência. Os irmãos são imigrantes casuais e carregam consigo o sonho de conhecerem sua essência.

### **O refugiado na intimidade**

De sonhos é feita a viagem de qualquer imigrante. Seja o de retomar a vida depois de um período de privações, seja o de realização pessoal. São motivos que levam a estabelecer um eixo para os movimentos migratórios - de um país pobre para o mundo desenvolvido, em teoria livre de conflitos armados, miséria e entraves profissionais. Na verdade, não há um eixo tão rígido, uma vez que as circunstâncias deste fenômeno são diversas.

Em *DJOMEH* ( 2000 ), o protagonista homônimo deixa o Afeganistão por razões familiares que não são esclarecidas. Ao se instalar no Irã, pesam a proximidade do país, as tradições culturais semelhantes ( ambos são muçulmanos ) e a presença de um parente afegão, que o indica para o emprego de leiteiro. Mesmo com o quadro favorável, Djomeh enfrenta uma rotina que difere bastante de um sonho.

Os problemas que surgem nunca são devidamente pesados pelo imigrante que se deixa mover por um ideal. No caso de *Djomeh*, o primeiro deles é o preconceito. Apesar da boa vontade do empregador, a discriminação se manifesta em todo o vilarejo onde se situa a história. A cada saída de bicicleta, uma horda de crianças se forma atrás e reage à sua presença com pedras. O curioso é que Djomeh não se preocupa com a situação, o que indica um passado mais sofrido. Pode ser um detalhe do caráter deste rapaz, porém. Esta impressão fica depois de alguns minutos de filme.





Djomeh (Hassan Yektapanah, Irã, 2003)

Com a direção delicada do estreante Hassan Yektapanah, que lhe rendeu o Camêra d'Or no Festival de Cannes, a trama acumula as humilhações a Djomeh na mesma proporção em que este conquista a simpatia do espectador. Este processo se dá de forma sutil, com um estilo desprovido de exageros estilísticos e arrebatador por sua visão humanista. É um projeto narrativo preciso, que surpreende o protagonista ao colocá-lo numa encruzilhada: Djomeh se apaixona e quer se casar com uma jovem da vila. Envergonhado, ele pede ao patrão que aborde a família dela em seu lugar. Um pedido simples, até mesmo ingênuo. Da mesma forma que os sonhos.

Uma conexão com o Afeganistão é realizada também pelo inglês Michael Winterbottom, o qual foi consagrado com o Urso de Ouro e com o prêmio do júri ecumênico do Festival de Berlim graças a *NESTE MUNDO* (2003). Falado em pashtu, persa e em inglês, o longa é o mais incisivo já realizado a propósito de um país (e de um povo) que ficou à mercê dos mais odiosos interesses políticos e religiosos por décadas. O filme não trata da resistência heróica frente ao poderio da União Soviética ou da tomada de poder pelos talibãs, muito menos da guerra desleal contra os EUA. Winterbottom focaliza as conseqüências de tudo, uma sucessão de fatos que expulsou multidões para os campos de refugiados localizados na fronteira com o Paquistão.

Os protagonistas de *Neste Mundo* vivem num destes campos, o de Peshawar. Inspirados na experiência de amigos, conhecidos e parentes, Jamal e Enayat decidem tentar a sorte na Inglaterra. Deixam a família para trás e iniciam uma viagem perigosa, organizada por agentes clandestinos e contrabandistas. Basta olhar o mapa: da fronteira até Londres, via Teerã (Irã), Istambul (Turquia) e Trieste (Itália), são quase nove mil quilômetros. A câmara de Winterbottom vai atrás. Registra os imprevistos e os empregos temporários, bem como os planos e a longa jornada nos mais variados meios de transporte - de ônibus a navios, com os primos sempre ocultos entre outros imigrantes e mesmo entre cargas.

São muitas as paradas nesta rota imprevisível. Jamal e Enayat trocam de transporte para burlar a polícia e todo tipo de fiscalização. A cada parada, uma aventura acaba e outra começa. Eles conduzem a trama, mas o papel poderia ser desempenhado por qualquer um dos milhares dos assentados em Peshawar. Ou pelas pessoas e famílias que a dupla encontra no caminho - no meio do nada, numa fábrica de fundo de quintal na Turquia ou no porto de Calais, na França. Cada pessoa tem algo a dizer.

Winterbottom optou por contar a história de Jamal, que é real, assim que soube dela. Com a estética peculiar, que valoriza a espontaneidade na captação de imagens e não define a fronteira entre o que é ficção (ou encenação) e documentário (em tese verdadeiro), *Neste Mundo* traduz com realismo o desespero que move o imigrante ilegal. Algo que foi apenas sugerido em *ASSÉDIO* (1998). Até porque o foco de Bernardo Bertolucci era outro.



A história de Shandurai começa na África, num país qualquer que resume este continente massacrado por desmandos e tragédias. Quando o marido desta bela professora é preso por tropas do regime ditatorial, ela foge. Corte. Shandurai vive em Roma, estuda medicina e trabalha de doméstica para um pianista inglês que se apaixonou por ela.

As cenas iniciais denunciam o abandono da África. São breves e parecem ter uma função meramente descritiva. Numa obra em que Bertolucci prima pelo lirismo e passa de raspão por considerações políticas mais incisivas, uma constante desde *O Conformista* (1970), o que interessa está no humano, em seus sentimentos e suas reações. A partir do encontro da doméstica negra e de passado sofrido com o inglês branco, culto e talentoso, o mestre italiano promove a comunhão de duas tradições antagônicas: a africana e a européia.

Não é a viagem que importa em *Assédio*, e sim o desdobraimento dela. Mais exatamente, a adaptação de Shandurai ao novo modo de vida. Até que o roteiro subverte a expectativa e revela uma personagem ciente de tudo que abandonou, mas decidida a renascer. Neste aspecto, o país estranho chega a ser conveniente. Mesmo a relação com o inglês poderia sê-lo. Cabe somente uma pergunta, ou duas: até que ponto é possível esquecer o que se abandonou? Pode-se esquecer as raízes?

Estas perguntas atormentam o protagonista de outro filme admirável, agraciado com três prêmios no Festival de Berlim - entre eles, o do júri popular. Dirigido por Radu Mihaileanu, romeno radicado na França, *UM HERÓI DE NOSSO TEMPO* (2005) chamou atenção de multidões para os falashas, sobreviventes de uma casta de judeus negros da Etiópia que precisou de séculos para ser reconhecida. Quando isso aconteceu, Israel resgatou 25 mil falashas da guerra civil etíope, entre 1984 e 1991. Todos foram incorporadas à sociedade israelense. Mihaileanu concentra as ações numa criança em especial, Schlomo.

Na verdade, o personagem é católico. Foi infiltrado em segredo pela própria mãe num dos comboios para Israel. Para salvar o filho da miséria, ela abre mão até da maternidade. Em Israel, ele é adotado por uma família judia e o espectador acompanha a saga de Schlomo da infância à fase adulta. Esta abrangência permite vislumbrar como aquele garoto tímido vira um homem politizado, que rebate o racismo o qual se manifesta na mesma sociedade que o salvou. É isso que o incita a desenterrar o passado e encontrar as raízes.

Conhecido pela deliciosa comédia *Trem da Vida* (1998), Mihaileanu arrebatou o público e o comove com o drama de Schlomo. *Um Herói de Nosso Tempo* é um raro filme em que as boas intenções do início se solidificam numa autêntica declaração de princípios. E o título original faz jus. Em francês, *Va, Vis et Deviens* quer dizer "vá, viva e se transforme".

### **A ilusão do Primeiro Mundo**

Israel foi uma ilusão para os milhares de etíopes que deveriam ser acolhidos como judeus pelos israelenses na década de 1980. A pujança econômica e o bem-estar de uma classe média branca e conservadora são as duas grandes ilusões do mundo globalizado, aquele que atinge todos os cantos do planeta via cinema comercial norte-americano e afins. Três filmes contemporâneos sintetizam o poder de atração do Primeiro Mundo na mentalidade do imigrante, e a força dos três reside no confronto estabelecido com a percepção de que nem tudo funciona como levavam a crer as aparências.

No caso mais chamativo, a fascinação é exercida por uma instituição algo abstrata e cada vez mais fictícia - o *american way of life*. Assinado pelos espanhóis Carlos Bosch e Josep Maria Domènech, *BALSEROS* (2002) anda de mãos dadas com seus personagens numa busca pelo sucesso em terra estrangeira. Trata-se de um documentário cuja riqueza vem de homens e mulheres anônimos. São cubanos como Guillermo, María Celeste ou Rafael Cano, que aproveitaram uma trégua provisória do governo de Fidel Castro e partiram para a Flórida em balsas improvisadas com bóias e tábuas, em 1994.



A Promessa [ Luc e Jean-Pierre Dardenne, Bélgica, 1996 ]

Fidel largou centenas de cubanos aos tubarões, literalmente. Washington não autorizou de imediato a entrada destes imigrantes nos EUA. Os que sobreviveram à travessia por um mar repleto de perigos, tiveram que ser enviados para a base militar de Guantánamo - em Cuba. Alguns passaram anos à espera de um sinal verde de Bill Clinton. E os que receberam este sinal, o que aconteceu com eles?

Não há uma resposta em comum para os imigrantes filmados por Bosch e Domènech, cada um seguiu seu rumo. À exceção de um deles, entretanto, todos perceberam que o tal sonho americano é pura ficção. É o que nota Maya, a mexicana que protagoniza *PÃO E ROSAS* ( 2000 ), primeiro trabalho de Ken Loach realizado fora da Grã-Bretanha. Porta-voz dos menos favorecidos e socialista convicto, o cineasta inglês situa o filme no espaço existente entre a ruína de um sonho e a luta do indivíduo em restituir ao menos uma parte de seus ideais.

Maya é ilegal. Trabalha como limpadora de banheiros em Los Angeles e não pertence ao sindicato, o qual empreende árdua campanha por melhores condições no serviço - para o desgosto dos empregadores. Maya fica no meio deste embate. O imigrante ilegal não tem o direito de se manifestar, já que consegue emprego às custas de um acordo tácito com o empregador em que um não denuncia o outro. E pior do que ver o sonho de prosperidade ruir é não ter o direito de expressar opiniões.

Vinda de Loach, a mensagem é clara. Vinda dos belgas Luc e Jean-Pierre Dardenne, esta pode ser dura. Um dos projetos mais premiados da dupla, *A PROMESSA* (1996) acumula em 90 minutos todas as mazelas que a imigração ilegal desencadeia - o trabalho escravo entre elas. Este e outros problemas são representados por construtor hipotético de Liège, na Bélgica. Ele aluga apartamentos para os imigrantes e emprega alguns deles em suas obras. De tão perversa, esta estrutura condena o estrangeiro a ser uma marionete.

A esperança reside num jovem, uma criança ainda. É o filho do construtor. No dia em que um dos trabalhadores não-legalizados do pai sofre grave acidente, ele faz uma promessa à mulher do acidentado. Com um desfecho abrupto, que leva o público a engolir seco, os irmãos Dardenne não se preocupam em fechar um caso; eles abrem uma perspectiva. Às vezes, uma simples deferência compensa uma eternidade de desprezo.



## PROGRAMAÇÃO

### Quarta, 12/09

- 17h** Beautiful People ( Jasmin Dizdar, Grã-Bretanha, 1999, 107 min. )  
**19h30** Assédio ( Bernardo Bertolucci, Itália, 1998, 93 min. )

### Quinta, 13/09

- 14h30** Exílios ( Tony Gatlif, França, 2004, 104 min. )  
**17h** Balseros ( Carlos Bosch e Josep María Domènech, Espanha, 2002, 120 min. ),  
**legendas eletrônicas em português**  
**19h30** Neste Mundo ( Michael Winterbottom, Grã-Bretanha, 2003, 88 min. )

### Sexta, 14/09

- 14h30** Pão e Rosas ( Ken Loach, Grã-Bretanha, 2000, 110 min. )  
**17h** Paisagem na Neblina ( Theo Angelopoulos, Grécia, 1988, 127 min. )  
**19h30** Balseros ( Carlos Bosch e Josep María Domènech, Espanha, 2002, 120 min. ),  
**legendas eletrônicas em português**

### Sábado, 15/09

- 14h30** Um Herói de Nosso Tempo ( Radu Mihaileanu, França/Israel, 2005, 140 min. )  
**17h** Contra a Parede ( Fatih Akin, Alemanha/Turquia, 2004, 121 min. )  
**19h30** Código Desconhecido ( Michael Haneke, França, 2000, 118 min. )

### Domingo, 16/09

- 14h30** A Pequena Jerusalém ( Karin Albou, França, 2005, 96 min. )  
**17h** Assédio ( Bernardo Bertolucci, Itália, 1998, 93 min. )  
**19h** Paisagem na Neblina ( Theo Angelopoulos, Grécia, 1988, 127 min. )

### Quarta, 19/09

- 17h** Contra a Parede ( Fatih Akin, Alemanha/Turquia, 2004, 121 min. )  
**19h30** A Promessa ( Luc e Jean-Pierre Dardenne, Bélgica, 1996, 90 min. ),  
**legendas eletrônicas em português**

### Quinta, 20/09

- 14h30** Djomeh ( Hassan Yektapanah, Irã, 2000, 98 min. )  
**17h** A Grande Viagem ( Ismaël Ferroukhi, França/Marrocos, 2004, 108 min. )  
**19h30** Pão e Rosas ( Ken Loach, Grã-Bretanha, 2000, 110 min. )

### Sexta, 21/09

- 14h30** A Grande Viagem ( Ismaël Ferroukhi, França/Marrocos, 2004, 108 min. )  
**17h** Código Desconhecido ( Michael Haneke, França, 2000, 118 min. )  
**19h30** A Pequena Jerusalém ( Karin Albou, França, 2005, 96 min. )

### Sábado, 22/09

- 14h30** Beautiful People ( Jasmin Dizdar, Grã-Bretanha, 1999, 107 min. )  
**16h30** Um Herói de Nosso Tempo ( Radu Mihaileanu, França/Israel, 2005, 140 min. )  
**19h** A Promessa ( Luc e Jean-Pierre Dardenne, Bélgica, 1996, 90 min. ),  
**legendas eletrônicas em português**

### Domingo, 23/09

- 14h30** Djomeh ( Hassan Yektapanah, Irã, 2000, 98 min. )  
**17h** Exílios ( Tony Gatlif, França, 2004, 104 min. )  
**19h** Neste Mundo ( Michael Winterbottom, Grã-Bretanha, 2003, 88 min. )

## FICHA TÉCNICA

**Patrocínio:**

Banco do Brasil

**Realização:**

Centro Cultural Banco do Brasil

**Concepção e curadoria:**

Gustavo Galvão

[www.gustavogalvao.com](http://www.gustavogalvao.com)

**Produção:**

Lavoro Produções Artísticas

[www.lavoroproducoes.com.br](http://www.lavoroproducoes.com.br)

**Produção executiva:**

Lara Pozzobon

**Assistentes de produção:**

Maria Gabriela Ramos

Simone Evan

**Edição do livreto:**

Gustavo Galvão

**Textos:**

Gustavo Galvão

**Revisão de textos:**

Daniele Sousa e Silva

**Assessoria de imprensa:**

ProCultura/F&M

**Direção de arte, design e ilustrações:**

Glauco Diógenes

[www.glaucodiogenes.com.br](http://www.glaucodiogenes.com.br)

**Apoio:**

Gráfica Panorama

**Fotos de divulgação:**

Art Films

Califórnia Filmes

Consulado da Bélgica

Embaixada da Espanha

Europa Filmes

Filmes do Estação

Imovision

Mais Filmes

Pandora Filmes

**Agradecimentos:**

Ana Castro

Dulce Vivas

Elias Oliveira

Francisco Gomez Duran

Jean-Thomas Bernardini

Juan Villar Escudero

Ricardo Landim

Suely Monteiro



Contra Parede [ Fatih Akin, Alemanha / Turquia, 2004 ]



**São Paulo:** Rua Álvares Penteado, 112 Centro SP  
Próximo às estações Sé e São Bento do Metrô  
Informações: (11) 3113 3651 / 3113 3652  
[bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

Realização





REALIZAÇÃO

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

  
**CENTRO CULTURAL  
BANCO DO BRASIL**

